

INOVAÇÃO

Brasileiros buscam Vale do Silício

Não há hoje no País soluções que atendam às demandas por tecnologia de empresas globais

São Paulo - Os pequenos veículos elétricos com decolagem e aterrissagem vertical para serem usados nas cidades que a Embraer está desenvolvendo em parceria com o Uber ainda não saíram dos computadores dos engenheiros, mas representam exatamente o que a fabricante de aviões procurava em seu recém-aberto Centro de Inovação de Negócios nos Estados Unidos: investir em inovação disruptiva, aquela tão revolucionária que mexe com todo o mercado.

Essa foi a mesma estrada escolhida pela Totvs e pela

CPFL, quando perceberam que precisavam de novidades. Seguiram rumo ao Vale do Silício. Foi do braço californiano da empresa brasileira de tecnologia, hoje com 20 funcionários, por exemplo, que saiu a Carol, uma plataforma de inteligência artificial. Lançada este mês, ela dá dicas de gestão, responde a perguntas e fornece *insights* de negócios. Já a CPFL achou na meca dos inventores sua solução em *smart grid*, sistemas de distribuição e transmissão de energia elétrica inteligentes.

“Como uma empresa global, em um ambiente altamente competitivo, temos nossa base no Brasil e centros de pesquisa e desenvolvimento também na Ásia, Europa e Estados Unidos”, diz o vice-presidente executivo de operações da Embraer, Mauro Kern. “Temos de estar presentes nos lugares onde esse tipo de inovação acontece.”

A busca por soluções no exterior não é fortuita. Apesar de exceções em poucas áreas de excelência, não há hoje no País

soluções que atendam às demandas por tecnologia de empresas globais, dizem vários especialistas. “Ficamos à margem de processos tecnológicos de novos paradigmas de produção e integração entre fornecedores e clientes que ganharam velocidade depois da crise de 2008 no mundo”, diz o coordenador do Grupo de Indústria e Competitividade da UFRJ, David Kupfer. “Isso não só na indústria, mas também nos serviços, que são ainda mais atrasados no Brasil.”

Década encolhida - As dificuldades trazidas por esse cenário são sentidas na prática pelas empresas, inclusive as com tradição em pesquisa. “No Brasil, pegamos pessoas com boa formação e investimos muito em sua qualificação”, diz o vice-presidente de tecnologia da Totvs, Weber Casanova. “No Vale do Silício, há muitos especialistas já prontos, experientes, com uma enormidade de novas ideias e recursos, em um ambiente de trabalho muito mais fácil do que aqui.”

Por outro lado, novidades como internet das coisas, inteligência artificial, *analytics*, *big data*, manufatura aditiva, nanotecnologia, entre outras, estão fora do radar da maioria das empresas. “Algumas estão mais antenadas e realizando esforços claros no sentido dessa modernização, mas não é um movimento geral”, afirma Kupfer. “Ao contrário, já que há 10 anos o investimento tem se contraído.”

Uma realidade nova, com cara de passado. “O Brasil está perdendo o próximo salto tecnológico, é sempre bom lembrar, porque já estávamos muito para trás”, diz o professor da USP e pesquisador do Observatório de Inovação e Competitividade

do Instituto de Estudos Avançados, Glauco Arbix. “Produzir conhecimento de fronteira não é uma atividade de curto prazo, nem nas empresas e muito menos na universidade: a estabilidade de políticas públicas e de *funding* é essencial”.

Só que, afirma Arbix, com o encolhimento da economia “e a crise política que parece não ter fim”, tudo tende a piorar. Com desafios mais primários com os quais se preocupar, inovação torna-se um luxo para a maior parte das empresas. Uma pesquisa da consultoria BCG cons-

tatou que o percentual de companhias brasileiras que pretendiam investir mais do que no ano anterior em inovação passou de 74%, em 2015, para 56%, neste ano. “Por causa da crise, os empresários entram no modo sobrevivência”, diz o sócio da BCG, Heitor Carrera.

Há vários riscos nesse cenário e algumas oportunidades (ler a seguir). Do lado das ameaças, os especialistas esperam uma redução dos investimentos em pesquisa e desenvolvimento, hoje em 1,26% no que se refere ao PIB e já considerado baixo

em relação aos países em desenvolvimento.

Outro problema é a possibilidade de o Brasil se tornar, mais uma vez, apenas consumidor dessas tecnologias. “Vamos nos atrasar novamente, até que o hiato de produtividade seja tão grande que leve a uma onda rápida de aquisição de pacotes de máquinas e insumos”, diz Kupfer. “Depois que a tecnologia ganha volume, ela é incorporada e vamos comprá-la embutida nas máquinas, sem desenvolver a capacidade de inovação.” (AE)

DIVULGAÇÃO



O Vale do Silício (Califórnia, EUA) reúne um conjunto de empresas inovadoras

Para analistas, políticas podem trazer mudança

São Paulo - Com bases tão pequenas de inovação, os problemas brasileiros são grandes, mas as oportunidades enormes. "A experiência internacional mostra que países, governos e empresas que conseguem investir em inovação e tecnologia nas crises, saltaram no momento seguinte", diz o pesquisador do Observatório de Inovação e Competitividade do Instituto de Estudos Avançados, Glauco Arbix.

Ele cita como exemplo a Finlândia, que, depois de enfrentar retração de mais de 10% do PIB na década de 1980, investiu nessas áreas e mudou de patamar de desenvolvimento. Foi nessa época que nasceu, por exemplo, a Nokia. O



Lucchesi: há setores nos quais temos vantagens competitivas reais

mesmo aconteceu com a Coreia do Sul e seus grandes grupos empresariais, os *cheabols*.

Para que esse salto aconteça, porém, é necessário uma política de Estado estruturada, como a feita

em diferentes países para adoção e desenvolvimento de novas tecnologias, como mostra pesquisa do Grupo de Indústria e Competitividade da UFRJ. Entre 45 institutos de pesquisa voltados para a indústria, anunciados nos EUA em 2012, por exemplo, nove foram inaugurados, com fins muito específicos. Há vários exemplos similares mundo afora.

Nenhum especialista vê política semelhante estruturada no Brasil. "Ficamos perdidos em uma longa anestesia, durante o período de alta de preços das *commodities*", diz o professor da Unicamp, Pedro Rossi.

Há também quem critique as escolhas do gover-

no brasileiro, que preferiu priorizar exatamente empresas de *commodities* para criar os campeões nacionais. No mesmo período, dizem, o governo americano, por meio da Nasa, investia na empresa de explorações espaciais SpaceX, de Elon Musk, considerado um dos principais inovadores globais. "O problema não era a política dos campeões nacionais, mas os critérios pouco transparentes para escolhê-los", diz o diretor da CNI, Rafael Lucchesi. "Podemos não ter a ambição alemã ou americana, mas há setores nos quais temos vantagens competitivas reais. É neles que precisamos investir." (AE)